

HUMANISMO SOLIDÁRIO: AS VOZES POÉTICAS DE PEDRO CASALDÁLIGA E JOSÉ CRAVEIRINHA
SOLIDARY HUMANISM: THE POETICS VOICES BY PEDRO CASALDÁLIGA AND JOSÉ CRAVEIRINHA

Cleonilde Ribeiro de Souza Costa¹

Resumo: O artigo aborda o discurso poético de Pedro Casadáliga e José Craveirinha, poetas reconhecidos pela crítica literária como escritores que escrevem em seus versos a luta pelos direitos humanos. Os poemas selecionados para o diálogo comparativo estão na obra *Antologia Retirante*, de Pedro Casadáliga (1978) e na antologia intitulada de *Poetas de Moçambique*, organizada por Ana Mafalda Leite (2010) que traz os poemas de José Craveirinha. Para compreender a esfera humana através da poesia destes escritores as discussões teóricas e críticas pautarão nos pressupostos da Literatura Comparada, que nos possibilitou verificar as peculiaridades de cada texto selecionado das obras citadas.

Palavra-chaves: Literatura engajada; comparatismo; poesia.

Abstract: This article discusses the poetic discourse of Pedro Casadáliga and José Craveirinha, poets recognized by literary critics and writers who write in his verses the struggle for human rights. The Selected poems for the comparative dialogue are in the Pedro Casadáliga's *Antologia Retirante* (1978) and in the anthology titled *Poetas de Moçambique*, organized by Ana Mafalda Leite (2010). This book brings the José Craveirinha's poems. To understand the human sphere through the poetry writers of these theoretical discussions and criticism, we will guide the assumptions of Comparative Literature, which enabled us to verify the peculiarities of each selected text.

¹ Discente, nível de Mestrado, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT, *campus* de Tangará da Serra/MT, sob a orientação da profa. Dra. Vera Maquêa.



Keywords: engaged literature; comparatism; poetry.

Introdução

Esse estudo insere-se no contexto das literaturas produzidas por escritores dos países de língua oficial portuguesa, pois tanto o Brasil quanto Moçambique nos aponta diversidade cultural que imbricada pelas relações sociais, políticas e ideológicas de cada um deles desenha um contexto literário amplo e complexo. E são questões que podem nos aproximar devido às relações histórico-linguísticas que foram deixadas pelo processo de colonização, e também nos distanciar, entendendo que cada país tem as suas particularidades.

Nesse sentido, pretendemos discutir de que maneira as poesias de Dom Pedro Casaldáliga e de José Craveirinha constroem imagens poéticas e apontam perspectivas de resistência e libertação. Para isto, observamos as semelhanças e diferenças estilísticas utilizadas nos poemas para que se realizasse o processo de construção da consciência do eu-lírico que resiste e proclama a liberdade. Assim, analisaremos poemas de José Craveirinha, poeta moçambicano, pertencentes à obra *Poetas de Moçambique*, uma coletânea organizada por Ana Mafalda Leite. Para compor as análises traremos poemas da *Antologia Retirante*, de Dom Pedro Casaldáliga, poeta mato-grossense de origem catalã, residente em São Félix do Araguaia/MT.

Na perspectiva de verificar a linguagem poética constituída nos poemas e identificar as vozes que marcam caracteristicamente a resistência social, sobretudo, à identidade e suas diversidades de povos brasileiros, em especial, àqueles que estão inseridos no contexto da região do Araguaia-MT.

Por outro lado, buscamos compreender o contexto das vozes poéticas pertencentes à cultural de Moçambique, dos sujeitos que venceram forças



políticas e econômicas em meio às guerras e enfrentaram as injustiças sociais devido à luta pelo direito a terra como sendo ela recurso de sobrevivência.

Como já mencionamos, o estudo aponta reflexões sobre os discursos poéticos que ocorrem entre dois escritores porque eles trazem em suas poesias configurações históricas, de memórias, de elementos literários que resistem à cultura do colonizador. Brasil e Moçambique se apresentam culturalmente diferentes, mas poeticamente percebemos as semelhanças entre eles porque os dois países trazem um passado histórico de colonização, de exploração do trabalho humano justificado pela hegemonia cultural europeia em decorrência do capitalismo. Ao longo da história destas sociedades foi apresentada a elas uma Língua que, segundo os estudos críticos, “ignorou uma infinidades de línguas” (MAQUÊA: 2010 p. 48) existentes em seus territórios. A imposição cultural e da língua do colonizador fez com que as línguas orais dos grupos étnicos das colônias fossem extintas ou impedidas de serem usadas para fins de comunicação e de expressão das culturas locais em função do controle e da opressão do outro. Todavia, este processo de dominação deixou sua fresta e através dela houve a luta pela libertação pela independência política e cultural, já que “a literatura surge desse rasgo, na fronteira móvel de culturas flutuantes”, (ibidem, p.47). É neste cerne de riquezas entre as relações culturais desses dois espaços geográficos que podemos perceber o fascínio das vozes poéticas encontradas nos poemas de Craveirinha.

A literatura comparada nos permite dialogar com obras literárias mesmo havendo disparidades culturais entre seus países de origem, no caso Brasil e Moçambique; é pelo viés da comunicação em português que podemos compreender a literatura nacional engajada de escritores, como Dom Pedro Casaldáliga, poeta que canta a experiência cultural e social dos povos marginalizados da região do Araguaia, em Mato Grosso. E José Craveirinha,



poeta pioneiro, que muito antes da independência de Moçambique em 1975, lutou em prol da emancipação do povo e da cultura de seu país.

A literatura engajada permite ao intelectual prospectar caminhos subjetivos que por meio da ficção poética dialoga com a realidade humana, isto é, toma para si o direito de fabular o contexto real, possibilitando por meio das manifestações literárias, percursos que consentem pensar os direitos humanos, pois revela poeticamente a realidade do homem, dele com suas relações culturais adversas. Assim, a literatura, por meio da poesia expressa manifestações emotivas, psíquicas do sujeito que deseja a liberdade tão necessária porque o ser humano nasce livre, no entanto, ao se desenvolver põe em marcha atitudes que oprimem e escravizam por causa da indiferença nas relações sociais quando percebe a diferença entre ele e o outro. Mas, os estudos críticos apontam que “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”. (CANDIDO, 1988, p. 177), neste sentido, é que a poesia pode ser ferramenta de luta e de humanização quando ela descortina outras maneiras de ser e pertencer ao mundo social.

O contexto humanista de Pedro Casaldáliga e de José Craveirinha se constrói a partir da poesia engajada; nesse aspecto, anunciam desejos, marcas de resistência, de independência. Pensando no contexto moçambicano, na perspectiva do poeta José Craveirinha, acredita-se que “quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com outra.” (CANDIDO, 1998, p. 170). Dessa maneira, a partir da construção imagética da poesia, teceremos dois espaços distantes, mas que se aproximam porque os sistemas literários de Moçambique e Brasil nos permite dialogar de forma solidária, pois abordamos literatura de Língua Oficial Portuguesa.



A construção poética dos escritores, Craveirinha e Casaldáliga, provoca, intencionalmente, por meio da voz do eu-lírico, a defesa dos direitos de povos e culturas, que no processo exploratório da colonização e do desenvolvimento econômico capitalista lhes foram negados. O cerne egoísta das grandes potências permeou por Moçambique e Estado de Mato Grosso, de modo que as condições sociais, econômicas e sociais de ambos os espaços tornassem ao longo do processo de luta, áreas periféricas, isto é, sofreu opressão, exploração em prol do outro, o colonizador e das empresas latifundiárias.

Nesse contexto de ascensão econômica da região do Araguaia em Mato Grosso e da opressão cultural pela colonização de Moçambique têm expedido formas literárias que contestam realidades guerrilheiras pela disputa de território. A guerra dos silenciados em busca de paz e de direito humano é configurada nas imagens poéticas de Casaldáliga e de Craveirinha que dão impulso discursivo pelas formas e conteúdos apresentados nos poemas. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 1998, p. 175).

São fatores sociais problemáticos que a literatura brasileira e a moçambicana vivenciam, é papel da obra engajada tratar da adversidade humana, nisso está intrínseco a exclusão dos pobres, dos ribeirinhos e dos índios da Amazônia, como é sabida a negação do direito de viver na e pela Terra. Índios, sertanejos, posseiros da região do Araguaia tornaram-se tema gerador nas manifestações poéticas de Casaldáliga.

Enquanto que na mesma conjuntura de engajamento literário, pela esguelha tênue do intelectual militante em Moçambique, o poeta pioneiro na luta pelo direito de independência José Craveirinha manifesta com todo rigor e criatividade lírica, as vozes poéticas que se voltam a favor dos oprimidos, pelo



mesmo egoísmo capitalista das grandes potências. O que aproxima, na perspectiva comparatista, é o ensejo dos direitos humanos, a construção poética como veículo de luta, sobrevivência de gente em países geograficamente distantes, no entanto, em questões política, social e cultural se aproximam pela desfeita da exploração.

Pensar a essência humana através da construção poética de Casaldáliga é considerar que o indivíduo seja movido pelo senso político de justiça, equidade, sentimentos, ideologias e utopia, que alimentam a consciência do sujeito para que este, por mais que esteja dilacerado pelo poder da opressão, da rejeição, permaneça munido por convicções antagônicas aos pressupostos da injustiça que estabelece uma hegemonia social para poucos, os privilegiados/fazendeiros, protegida pelo poder militar da época.

Assim, pensar a história a partir das ações humanas é conhecer como as mudanças sociais, econômicas e políticas são realizadas, com isso, defender os direitos humanos, considerando que tanto as ações de guerras quanto as ações de justiça são atos do próprio homem na ocorrência do processo histórico de cada país. Ou seja, “a mudança é parte essencial da história humana, e a história humana, assim como é feita pela ação humana e compreendida nesse sentido, é o próprio terreno das humanidades.” (SAID, 2007 p. 29). Dessa maneira, história e literatura permitem compreender a simbologia de luta, galgada pelo discurso poético, e mais, admite um diálogo solidário por meio da arte poética em Língua Portuguesa.

A poética engajada de Casaldáliga e Craveirinha se insere nesse contexto das humanidades, pois, pensar as relações culturais de países Independentes, mas que foram, ao longo do processo histórico, engessados pela pressão de outras culturas dominadoras, é saber que [...] a essência do humanismo é compreender a história humana como um processo contínuo de auto compreensão e auto realização [...]” (SAID, 2007 p. 46), ainda, “[...]”



humanismo não é um meio de consolidar e afirmar o que “nós” sempre conhecemos e sentimos, mas antes um meio de questionar, agir e reformular muito do que nos é apresentado como certezas [...]” (2007, p. 48).

Combater pelo viés da beleza artística é uma tarefa articulada entre teoria e prática, cuidadosamente o poeta seleciona a experiência humana e transforma-a em conjuntos de versos, traduzindo por meio deles a circunstância da luta dos sujeitos excluídos de direitos. Segundo Souza (2007, p. 74), a poesia de Casaldáliga “[...] alimentada pela ação engajada que desenvolve, adequou-se às condições de lugar e de tempo, e parece comunicar-nos que, sem justiça social, é impossível existir direitos humanos”. O desencanto do poder capitalista ganha imagem poética pela distribuição peculiar de palavras que imagetivamente cria-se um mundo ficcional, caracterizando espaços periféricos e por isso, marginalizados.

A ficção poética traduz emoções e realidades de culturas que ao longo do processo histórico vem sofrendo desigualdades. Nos versos do poema “Cantiga da morte” de Casaldáliga, há musicalização da situação de desafeto entre o eu lírico que contesta paralelamente o bem e o mal, contrapondo a voz do “Tu” que com a arma do silêncio renega o outro. Vejamos a harmonia do poema que se constrói no discurso político e religioso, e acima de tudo da experiência humana, ou seja, a experiência cercada de mistério subjacente do dar e receber que precisam ser refletidos, pois desenha uma situação perpetuada pelo controle que oprime:

Ronda a morte rondeira,
A morte rondeira ronda.
Já o disse Cristo,
Antes de Lorca.

Que me rondarás, morena,
Vestida de sombra e medo.



Que te rondarei, morena,
Vestido de espera e glória.

(Perante a Vida,
O que é tua vitória?
Ele, morrendo,
Foi tua derrota!)

Tu me rondas com silêncio,
eu te rondo na canção.
Tu me rondas de agulhão,
eu te rondo de laurel.

Que me rondarás,
que te rondarei.
Tu para matar,
eu para nascer.
Que te rondarei,
que me rondarás.
Tu com guerra a morte,
eu com guerra a Paz.
[...] (CASALDÁLIGA, 1978, p. 213)

No poema acima a construção das imagens poéticas estabelecidas pela musicalidade da dança de roda, movimentos em círculos, que nos remete à dança popular, transfigura uma situação rítmica de questionamento sobre a situação de opressão do outro, marcada pelo eu-lírico. O “Tu” que não se apresenta, mas mantém-se vigilante é desafiado e contestado. O efeito da morte é disputado pela essência da vida. Os primeiros versos abrem o movimento da dança configurada em algo já dito, já certo, em que o sentido sombrio da morte existente há muito tempo é envolvido pelo movimento da dança ritmada a partir de indagações estabelecidas pela palavra “que” repetida duas vezes na mesma estrofe. Nesse movimento popular o Tu é constituído de “medo e sombra”, sendo ele a simbologia da “morte” que ao longo da estrofe é indagado pelo eu lírico que se configura em “espera e glória”. Essa morte apresentada



logo no título do poema e no decorrer dos versos é a configuração do poder militar que desencadeou a situação conflituosa imposta pelo controle político no Araguaia a favor do poder econômico latifundiário instituído na região (BARROZO, 2010).

O ato de vigília precedido pelo verbo “rondar” no poema “Cantiga de morte”, é constitutivo da experiência da opressão. O eu- lírico em desacordo com o “Tu” se desenha em oposição marcada pelo paralelismo das palavras “medo-sombra”/espera-glória/, “silêncio/canção” e “agulhão/laurel” todas as imagens se configuram na troca de ações entre as vozes que se entrelaçam numa dança conflituosa que envolve o indivíduo oprimido e o opressor, mas a voz que contesta é consciente de que pode vencer, para isso é preciso indagar, refletir sobre a situação degradante do ser humano tão necessitado de justiça social.

O poema como obra de arte, totaliza a criação de sentido pela harmonia tecida pelas partes, porque os versos nos conduzem ao efeito totalizador da comunicação. No texto poético considera-se o código linguístico como sendo o cerne da criação, já que “a construção consistiu em descobrir a expressão lapidar e ordená-la, segundo meios técnicos que impressionam a percepção. A imagem é inseparável do código, mas o código é a condição que assegura o seu efeito.” (CANDIDO, 1988 p. 178-179), por isto, o poema nos oferece através das palavras as imagens de sujeitos que se questionam e levam o leitor a se questionar porque a poesia obtida é a de que a realidade literária atinge o mais profundo do ser humano, provoca nele a ação de meditar e de questionar sobre a realidade em que está inserido.

É a partir do conceito de Antonio Candido que consideramos no poema, ideologicamente, a morte e a vida, uma situação cíclica em que é preciso refletir sobre a ocorrência das duas, ou seja, a intenção discursiva instituída pela voz do eu-lírico é de que o homem em sua certeza proporcionada pela



consciência movida pela razão é chamado, questionado a compadecer o outro lado humano que é a vida. O ato de viver para os índios, os sertanejos, os posseiros do Araguaia é dar-lhes o direito à Terra.

Na última estrofe do poema “Cantiga de morte”, no trecho citado acima, têm as personagens líricas marcadas pela ação do ato de matar e viver, conjugadas pelos verbos que exprimem ações introspectivas. São ações constantes de vigília, controle daquilo que pode transgredir, o efeito da ordem é dado pelas imagens do “Tu/soldado/morte” consumado pela palavra “ronda” que significa “[...] manutenção da ordem.” (HOUAISS, 2009, p. 1679).

Quando criamos a imagem poética do texto em sua completude, ele demonstra que nessa dança da morte em disputa com a vida, há existência de mais uma presença lírica marcada pelo “Ele” que não se pronuncia, mas que apoia a voz do eu-lírico na disputa da vida contra a morte, nesse sentido é apresentado no poema marcas da religiosidade do poeta, “Ele” é difundido no texto como o Deus que vence a tão temida morte. Vejamos a estrofe:

[...]
(Perante a Vida,
O que é tua vitória?
Ele, morrendo,
Foi tua derrota!)

Na estrofe seguinte fica evidente a presença marcante da fé, pois o sentido dos versos é uma intertextualidade, remete a passagem bíblica “Se com Ele morremos,/com Ele viveremos”. As imagens que os versos demonstram é que há uma luta constante movida pela razão do sujeito movido pelo capitalismo que mata o outro para tornar-se cada vez mais poderoso. É uma conjuntura de interesses, no entanto, percebemos a partir do texto poético o



mover-se a favor da humanização das pessoas que periféricamente vivem à margem do poder político e econômico.

Nas últimas estrofes do poema abaixo percebemos as sensações que a morte não natural causa ao ser humano que luta contra a opressão:

[...]
(Que me rondarás em mim
Ou nos pobres de meu Povo,
Ou nas fomes dos vivos
Ou nas contas dos mortos.

Me rondarás balas,
Me rondarás noite
Me rondarás asa,
Me rondarás carro.

Me rondarás ponte,
Me rondarás rio,
Sequestro, acidente,
Tortura, martírio.
Temida,
Chamada;
Vendida,
Comprada;
Mentida,
Sentida;
Calada,
Cantada...!)
(CASALDÁLIGA, 1978, p. 213)

Os parênteses usados nos versos pelo poeta nos remetem à explicação enfatizada sobre as possibilidades de enfrentamento contra o opressor que impõe a sentinela. A personificação da morte como ser animado é dilacerador porque o indivíduo que não acata a ordem estabelecida sofre com as consequências da desobediência. A caracterização da morte denuncia a



fragilidade de um povo que luta com as armas da Fé, é a poesia denunciando com vigor os motivos pelos quais as pessoas são marginalizadas.

Outro poema muito significativo de Pedro Casaldáliga que caracteriza a situação social e política da região da Amazônia é o “Embiruçu”. É um poema curto, mas que expressa uma grandiosidade da vida sertaneja. Ele Anuncia a força da natureza metamorfoseada na árvore pequena, tipicamente da Amazônia, que marca a resistência e a fragilidade do homem que é esquecido, marginalizado pela Lei do lucro, por isso, o sertanejo é obrigado a se retirar de um lugar para outro à procura de sobrevivência.

Podemos fazer a relação entre a árvore “embiruçu” (branca e porosa) da Amazônia e a ação das empresas que foram instaladas na região com fins de exploração das terras onde habitavam etnias indígenas e grupos de pessoas não índios e constatar que há vidas resistindo à morte. Esse poema foi escrito em Língua portuguesa, não tem versão em castelhano, é uma obra brasileira na forma e conteúdo:

Embiruçu
Calado e nu.

Sertão bravio,
terra queimada:
o desafio
da retirada.

A Lei esquece
e o Lucro manda.
Mas quem merece
teimando cresce
nesta demanda.

Embiruçu
teimando nu.
(CASALDÁLIGA, 1978, p.113)



Os primeiros versos “embiruçu/calado e nu” metaforicamente transfiguram numa imagem poética que se inscreve a maneira como a Amazônia foi explorada pela Lei do Lucro, em contrapartida nos dá alusão de que não é somente a Terra que é explorada, mas os habitantes também, ou seja, os índios e os povos que residem nos lugares que sofrem pela retirada das riquezas naturais são submetidos à ação degradante de opressão.

A segunda estrofe traz a imagem do lugar ainda natural, pois “sertão bravo”, significa uma natureza intacta. No entanto, os dois últimos versos da mesma estrofe, pressupõem que a ação do homem é capaz de modificar a realidade posta pela natureza e causar consequências drásticas porque o “desafio da retirada” significa que o espaço natural pode ser transfigurado pela ganância do Lucro e pela Lei amortecida. No final do poema há a presença da resistência regida pelo eu-lírico. Ou seja, a exploração está presente, mas há neste mesmo lugar uma voz que é contra ela e a favor das pessoas que vivem na terra e depende dela, o “embiruçu” é a imagem do sertanejo que teima em viver na Amazônia mesmo não havendo Lei ao seu favor, por isso, ele também teima em viver “nu”.

Percebe-se que é uma voz engajada, pois existe o papel do intelectual se manifestando porque a Terra é vista como vida para os que nela habitam, principalmente para os povos sem voz, os retirantes, os índios que são expulsos ou esmagados pelo poder da exploração das grandes potências capitalistas. Como bem diz Antonio Candido, “Aí está um exemplo completo de autor identificado com visão social da sua obra, que acaba por reunir produção literária e militância política” (1988, p. 185). É nesse contexto que a escrita de Casaldáliga torna-se engajada tanto pelo conteúdo social quanto pela sua subjetividade em criar a realidade literária.



O que possibilita o estudo comparado são as obras e são elas que estabelecem a comunicação solidária quando podemos perceber em cada uma delas o desejo de expressar aquilo que é particular, no entanto, esse mesmo objetivo torna-se universal porque é uma realidade que remete à outra, chama a se pensar em outra, a refletir amplamente o mesmo problema estabelecido no texto literário. O papel do intelectual engajado é fundamental para que o conteúdo humano seja expresso subjetivamente e que este leve o leitor se posicionar frente às situações sociais que não sejam somente as dele.

Assim, temos a poética de José Craveirinha um militante das causas humanas em Moçambique, país que conquistou sua Independência política em 1975, portanto, as manifestações literárias dialogam porque são discursos inerentes às situações humanas que sofrem pela falta de justiça e igualdade. Ambos os escritores apresentam uma literatura de engajamento social, pois são obras que se inserem nas causas humanas em prol dos direitos culturais, sociais e econômicos.

Na luta pelos direitos dos povos de Moçambique, o poeta José Craveirinha apresenta a “Cantiga do Batelão (1964)”:

Se me visses morrer
Os milhões de vezes que nasci

Se me visses chorar
Os milhões de vezes que te riste...

Se me visses gritar
Os milhões de vezes que me calei...

Se me visses cantar
Os milhões de vezes que morri
E sangrei...
(CRAVEIRINHA, 2010, p. 27)



É um poema que canta as vozes de Moçambique, ou seja, o “Batelão” tem alusão ao Mar, os movimentos de cargas mercantis, a cantiga que tragicamente compactuou com a retirada de sonhos, vidas, de gente que pelo mesmo egoísmo capitalista das grandes potências foi explorado. O eu-lírico expressa a dor do seu silêncio, as formas opressoras que foram submetidas durante séculos de exploração. As primeiras estrofes caracterizam o paralelismo entre dor e prosperidade. O eu-lírico expressa uma condição ideológica, “Se” o outro “visse” a situação degradante do colonizado, mesmo assim, não seria fácil devolver o valor humano que lhes tinham roubado.

As últimas estrofes ecoa o discurso da busca do reconhecimento daquele que sofreu a ação exploratória do opressor, a voz é poética e tem o poder de criar imagens sociais, pois “a literatura tem sido um discurso, com o qual se constrói a identidade, busca-se o reconhecimento de si” (MAQUÊA, 2010, p.142). Os versos abaixo “tecem a realidade que é, antes desejada”. (2010, p. 143). Assim, vamos construindo imagem poética dos sonhos, ideologias de um por vir do poeta em relação à Pátria amada, seu povo e sua cultura:

Digo-te irmão europeu
Havias de nascer
Havias de chorar
Havias de cantar
Havias de gritar

E havias de sofrer
A sangrar vivo
Milhões de mortes como Eu!!!
(CRAVEIRINHA, 2010 p. 27)



No poema seguinte, “Cantiga Nossa” José Craveirinha traz em seus versos as vozes que ecoam movidas pelo desejo da Terra livre, da cultura respeitada:

No minuto
Em que os nervos se rasgam
Calou-se a voz dos gritos
Calou-se a voz das ondas do mar
E o mundo estremeceu e parou.

E um gemido
Veio como um búzio
Docemente soprar-me
Entre as nuvens do céu
O teu corpo na terra
E a espuma do mar.

E do minuto perfeito
Ah, Maria Teresa
Brotou na praia docemente
A nossa velhíssima cantiga
Mais viva
Mais forte
E mais nova! (2010, p. 53)

No poema, acima, o eu-lírico desenha o espaço utópico que leva à caracterização da nação livre, um “minuto” é o suficiente para externar a grandiosidade do poder ideológico de cantar a vontade de ter um país livre.

É no minuto de êxtase entre a morte e o sonho que a realidade experimental humana se contrapõe com o mundo sonhado, a morte é a passagem do velho para o novo, ou seja, é preciso estabelecer na própria morte uma nova realidade sonhada, entra o espaço da memória que é outra forma de resistência, mesmo depois dos nervos rasgados, das vozes silenciadas pelo colonizador. É alimentando a memória pela força da “nossa velhíssima cantiga” que uma nova nação moçambicana renascerá, como bem confirma as



últimas estrofes “mais viva/mais forte/ e mais nova!” (CRAVEIRINHA, 2010, p. 53). Percebemos que se configura na imagem poética, ideologicamente, manifestações de luta pela independência, porque a voz do eu-lírico na “Cantiga nossa” incide uma luta coletiva.

As assonâncias poéticas de Craveirinha e Casaldáliga são acolhidas nos poemas “Cantigas da morte”, “Embiruçu”, “Cantigas do Batelão”, “Cantiga nossa” pelas reflexões comparatistas quando consideradas constitutivas de conteúdos ideológico-sociais uma vez que percebemos as vozes poéticas comprometidas com a liberdade humana, elas resistem ao poder político e econômico de dois países que atualmente são ex-colônias, mas possuem em suas histórias as marcas da colonização. Podemos dialogar com os sistemas nacionais literários de dois países de língua portuguesa porque as pesquisas nos apontam que:

Um estudo comparado, ao mesmo tempo em que se faz na perspectiva de relações políticas internacionais, tende também a considerar relações internas dentro de um determinado campo cultural, como é caso dos fluxos da língua portuguesa do Brasil e de Moçambique. (MAQUÊA, 2010, p.21).

Nesse sentido, o diálogo solidário recorrente nas obras do poeta brasileiro e do moçambicano destampam culturas adversas, mas que ao mesmo tempo tomam caminhos e perspectivas do sonhar em língua portuguesa com um país politicamente mais justo, que demanda direitos humanos iguais para os que lhes constituem enquanto nação.

As poesias enquanto obras de ação-social tem o poder, de através das imagens fictícias consumadas pelo discurso, substantivar realidades e culturas do mundo real. Conforme afirma Alfredo Bosi “o poeta é doador de sentido” (2000, p.163), nomear as relações sociais do indivíduo de forma comprometida pelo discurso poético é tarefa do intelectual comprometido com as mudanças



sociais, ele luta a favor dos direitos humanos. E através da literatura engajada, segundo Edward Said em *Representação do intelectual* resenhado por Vera Maquêa (2005, p. 121) “o intelectual tem uma escolha: representar a verdade de forma ativa e da melhor maneira possível, [...]”, as representações poéticas desenhadas pelo eu-lírico, ferramenta do intelectual, de cada poema, estabelecem “rostos e atitudes” dos indivíduos colonizados de Moçambique, como também a “geografia” dos espaços marginalizados da região do Araguaia em Mato Grosso. É por essas razões de semelhanças e dissonâncias que a literatura dos poetas influi sobre a situação social de seus países e com isso fortalecem as literaturas nacionais.

No poema “Canção da foice e o feixe”, citado abaixo, podemos constar o sentido da representação do intelectual, uma vez que por meio da voz do eu-lírico a verdade é dita. Há uma ideologia, uma tomada de posição caracterizada em meio às circunstâncias sociais, enfaticamente, os conflitos causados pela ação latifundiária que permearam a região do Araguaia por muitas décadas. São duas “representações” configuradas no texto poético de Casaldáliga, a primeira é a do intelectual, que segundo Baudelaire, citado por Bosi (2000, p.167) “o poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo e outro”, por isso, nos versos, percebemos a imagem poética/utópica do poeta que deseja subverter o poder, com isso, contrapõe a “Lei” à medida que se posiciona, sem medo de se ferir a favor da “foice/feixe” imagem poética do povo da terra. A segunda “representação” é a da “resistência” que se estabelece pelo fato da poesia possuir “muitas faces”, e uma delas é “a crítica direta ou utópica”, a linguagem simbólica da poesia canta “a revolução” (BOSI, 2000, p. 167) vejamos o poema:



[...]
Me chamarão subversivo.
E lhes direi: eu o sou.
Por meu Povo em luta, vivo.
Com meu Povo em marcha,
vou.

Tenho fé de guerrilheiro
E o amor de revolução.
E entre o Evangelho e a canção
Sofro e digo o que quero.
Se escandalizo, primeiro
Queimei o próprio coração
Ao fofo desta Paixão,
Cruz de Seu mesmo Madeiro.

Incito à subversão
Contra o Poder e o Dinheiro.
Quero subverter a Lei
Que perverte ao Povo em grei
E ao Governo em carnicheiro.
(Meu Pastor se faz Cordeiro.
Servidor se faz meu Rei.)

[...]
... Creio na foice e no feixe
Destas espigas caídas:
Uma Morte e tantas vidas!
Creio nesta foice que avança
_sob este sol sem disfarce
e na comum Esperança _
tão encurvada e tenaz!

(CASALDÁLIDA: 1978, p. 179)

As palavras “Canção”, “Cantigas” que nomeiam os poemas, a musicalidade, o ritmo gerador de vozes numa construção poética coletiva de eu-líricos desmascara o protagonismo secular dos heróis, pois de acordo com Chevalier “o canto é o símbolo da palavra que une a potência criadora à sua criação, no momento em que esta última reconhece sua dependência de criatura, exprimindo-a na alegria, na adoração ou na imploração” (2007, p. 176), se configura então, nesses conjuntos de poemas um canto de vozes poéticas que “imploram” e desenham o mundo/social desigual e sem direitos humanos.

A construção poética acontece a partir da metáfora de anti-heróis que ocorre em Casaldálida e Craveirinha. Eles têm a intenção de desmistificar a memória dos grandes heróis, assim, fortalecer as vozes dos perseguidos e explorados que paralelamente habitam países distantes pela geografia, no entanto, lutam para si libertarem dos heróis colonizadores, dos heróis latifundiários.

Os poetas a partir da consciência crítica escolhem o encantamento do gênero poético para posicionar-se diante dos problemas sociais em espaços marginalizados, e assim, construir resistência, libertação através das vozes coletivas do poema e cantar o devir da esperança, segundo Bosi “o que ela (a poesia) não pôde fazer, o que não está ao alcance da pura ação simbólica, foi criar materialmente o novo mundo e as novas relações sociais, em que o poeta recobre a transparência da visão e o divino poder de nomear” (2000, p.167), mas por outro lado, o texto poético cria na consciência humana



a ideia de que outro mundo pode vir, pois a poesia instiga o imaginário para que novas possibilidades sociais possam acontecer pelas ações do próprio homem.

De acordo com estudos realizados por Chargas (2012, p. 47) sobre a poética de Craveira, ela ressalta que “ao injetar os ritmos africanos na poesia, Craveirinha revitaliza elementos que marcam as identidades culturais do seu povo e, paralelamente, resiste à tentativa do colonizador de anular as raízes das culturas africanas”.

As experiências do outro, como aborda Abdala Junior (2012) é importante para pensar a nova consciência cultural e criadora dos textos literários, que atualmente vive num mundo plurilinguístico, são as marcas culturais que possibilitam estudos comparados. Transitar nos espaços literários entre Brasil e Moçambique é perceber a força cultural de povos que lutam contra a opressão, de uma organização fundada no lucro e no poder capitalista. “A denúncia das mazelas sociais e a expressão dos tormentos pessoais decorrentes da insatisfação com o mundo real são temáticas frequentes nas obras neo-realistas e na poesia de Craveirinha” (CHARGAS, 2012, p. 56). Sendo assim, as vozes coletivas engajadas de Dom Pedro Casaldáliga também denunciam as mazelas em que viviam os posseiros, os índios da região do Araguaia em luta pelo direito à terra.

Considerações finais

Os poemas selecionados nas obras *Antologia Retirante*, de Casaldáliga e *Poetas de Moçambique*, de José Craveirinha, org. por Ana Mafalda Leite possibilitaram a realização de um estudo comparatista em que percebemos o diálogo solidário entre o sistema literário porque os textos apresentam a imagem de luta, resistência diante das mazelas brasileira, causadas na época mais dura da ditadura militar. O bispo da Prelazia de São Felix do Araguaia se sensibilizou pela situação de descaso social e econômico do sertanejo e do índio que ocupava a região, nesse sentido, enfrentou o silêncio das autoridades políticas, denunciando com força poética a necessidade de olhar a situação desumana dos marginalizados, expressou nos textos a falta de humanidade e celebrou por meio da poesia a liberdade necessária a todos os sujeitos independentemente de suas origens.

A poesia que simboliza a luta pelos direitos dos posseiros e índios da região do Araguaia se converge com a voz poética de Moçambique quando calcadas em ideologias instigadas pelo desejo de justiça e igualdade social. José Craveirinha com sua força poética também exerce sua militância descrevendo características da cultura



africana, impondo a oralidade e ritmos de seu povo, estes explorado pela colonização europeia e assim, faz renascer em meio às influências culturais alheias o cerne do povo moçambicano.

A linguagem poética de cada escritor é carregada de suas peculiaridades linguísticas, que aludem à cultura, costumes e geografia de cada país, os discursos poéticos expressam ansiedades sociais e ideologias de justiça e igualdade em língua portuguesa de duas culturas ex-colônias.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias Hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

_____. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa o século XX**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

BARROZO, João Carlos. **A Questão Agrária em Mato Grosso: a persistência da grande propriedade**. In: Mato Grosso: a (re)ocupação da terra na fronteira amazônica (século XX). São Leopoldo: Oikos; Unisinos; Cuiabá/MT: EdUFMT, 2010.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2008.

_____. **O estudo analítico do poema**. 5 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanas, 2006.

_____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 1988.

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. **Antologia Retirante**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.

CHARGAS, Michelle Cardoso. **Letras, sons, e ecos: a musicalidade na poesia de José Craveirinha**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em [www. Google.com.br](http://www.Google.com.br)

CREVEIRINHA, José. **Antologia poética: Poetas de Moçambique**; LEITE, Ana Mafalda (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Arte &Ciência, 2010.

SAID, Edward W. **Humanismo e crítica democrática**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



SOUZA, Marinete Luzia Francisca de. **Uma abordagem da poética engajada de Pedro Casadáliga**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/Instituto de Linguagem-IL. Cuiabá, 2007. Disponível em [www. Google.com.br](http://www.Google.com.br)

